

JOSUÉ DE CASTRO E O TEXTO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA SOBRE O RECIFE

122

JOSUÉ DE CASTRO AND THE LITERARY TEXT: A SOCIO-HISTORIC ANALYSIS OF RECIFE

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2024.262415>

Pedro Felipe Ribeiro Silva
pedrofelipe9194@gmail.com
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Recife – Pernambuco - Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0622-3438>

Submetido em 04.04.2024
Aceito em 16.04.24

Resumo:

Este trabalho tem a pretensão de apresentar um diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura, buscando entender a relação entre a forma de produção cultural dos textos literários e os aspectos históricos do contexto em que foi criado. Para tanto, o estudo recorre aos pressupostos teóricos elaborados por Raymond Williams (1989) e a estrutura de sentimentos, um procedimento metodológico desenvolvido pelo autor que possibilita compreender como as obras artísticas ou intelectuais são parte intrínseca das sociedades. Através desse método o estudo estabelece uma relação entre a criação literária de Josué de Castro e a realidade histórica vivenciada pelo autor. Com isso, essa investigação busca analisar a obra literária *Homens e Caranguejos* e indicar as possibilidades de leituras contra-hegemônicas sobre a História Local do Recife.

Palavras-chave: História; Literatura; Josué de Castro; Recife; Urbanização.

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Abstract:

The objective of this work is to present an interdisciplinary dialogue between the fields of History and Literature, with the aim of comprehending the relationship between the cultural production of literary texts and the historical aspects of the context in which they were created. To this end, the study draws upon the theoretical assumptions developed by Raymond Williams (1989) and the structure of feelings, a methodological procedure devised by the author that enables the understanding of how artistic or intellectual works are an intrinsic component of societies. Utilizing this approach, the study establishes a connection between the literary creation of Josué de Castro and the historical reality experienced by the author. As such, this investigation endeavors to analyze the literary work "Homens e Caranguejos", and to indicate the possibilities of counter-hegemonic readings of the Local History of Recife.

Keywords: History; Literature; Josué de Castro; Recife; Urbanization.

Resumen:

Este trabajo pretende presentar un diálogo interdisciplinario entre la Historia y la Literatura, buscando entender la relación entre la forma de producción cultural de los textos literarios y los aspectos históricos del contexto en el que fueron creados. Para ello, el estudio recurre a los presupuestos teóricos elaborados por Raymond Williams (1989) y la estructura de sentimientos, un procedimiento metodológico desarrollado por el autor que permite comprender cómo las obras artísticas o intelectuales son parte intrínseca de las sociedades. A través de este método, el estudio establece una relación entre la creación literaria de Josué de Castro y la realidad histórica experimentada por el autor. Con esto, esta investigación busca analizar la obra literaria 'Homens e Caranguejos' e indicar las posibilidades de lecturas contrahegemónicas sobre la Historia Local de Recife.

Palabras-clave: Historia; Literatura, Josué de Castro; Recife; urbanización.

Introdução

Ler e aprender sobre o que Josué de Castro escreveu é um exercício pelo qual alguns especialistas de outras áreas do saber se debruçaram nas obras desse intelectual e autenticaram a relevância do conhecimento produzido por esse autor sobre a realidade brasileira que o mesmo vivenciou. Castro assume a postura de vários cientistas do século XX e acompanha um movimento de indagação sobre a ciência e o seu dever a serviço do social.

Com dedicação à escrita, Castro publica em 1946 a obra *Geografia da Fome, o dilema brasileiro: pão ou aço*, um texto de grande notoriedade, sendo traduzido em diversos idiomas. De acordo com a socióloga Anna Maria de Castro (2007), filha do autor, o livro discute a fome

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

de um modo até então, nunca escrito. O autor buscou encarar o problema unilateral dos estudos científicos, realizados até aquele momento, com o objetivo de alcançar uma visão panorâmica do conjunto e perceber os múltiplos fatores que são responsáveis pela manifestação da fome. Para tanto, o mesmo se utilizou do método interpretativo da geografia moderna, atacando as insustentáveis teorias do fatalismo, da inferioridade racial e determinismo geográfico ¹(ideias preconceituosas, que foram utilizadas para explicar as condições de países subdesenvolvidos). Em suma, o cientista defendeu seu método de investigação se contrapondo a produção científica, que se legitimava em meio a seus preconceitos. Josué de Castro discute a fome de um modo engajado, fazendo da sua escrita um instrumento de denúncia. Para ele, a fome no Nordeste é explicada pelo setor agrário de predomínio monopolista de uma elite tradicional, motivando a concentração populacional nas capitais, entre elas, o Recife.

E nessa experiência de vida, Castro revelou a sua identidade com o Recife, retratada de modo científico, analisando os agentes históricos que produziram o espaço urbano da cidade e de forma literária, criando representações dessa paisagem. Anna Castro (2007), afirma que Josué de Castro cultivava o fascínio pela literatura, algo revelado em contos, ensaios e poemas, publicados na fase estudantil do curso de Medicina. Admirava a capacidade dos literários em escrever a realidade através de uma linguagem universal, retratando as questões sociais de uma forma pelo qual os cientistas sentem dificuldades de transpor. No ano de 1937, o autor publica o livro *Documentário do Nordeste*, um trabalho que reúne alguns ensaios sobre a condição do Nordeste nas primeiras décadas do século XX e o agrupamento de contos e crônicas (*A cidade; O despertar dos Mocambos; O Ciclo dos Caranguejos; João Paulo; Ilha do Leite; Assistência Social; Solidariedade Humana; A seca*). Nesses contos e crônicas, Castro reserva o seu olhar para as condições de sobrevivência nos mocambos, descrevendo um cenário de migrações para o Recife, demonstrando a sua indignação com o processo de modernização da cidade e a

¹ O determinismo geográfico é um termo que sugere que os ambientes físicos determinam o desenvolvimento das sociedades, porém, essa ideia preconceituosa se remonta ao final do século XIX e seguiu sendo uma proposta bem aceita por alguns intelectuais, até o início do século XX. Como é possível observar no texto, Josué de Castro é um dos intelectuais desse último século, que tece críticas a essa abordagem simplista, que não leva em consideração a complexidade das interações humanas e sociais. Por essa razão, o determinismo geográfico é um termo que tem sido criticado até os dias atuais.

estrutura arcaica, que predomina nas relações sociais do Nordeste brasileiro, o principal responsável pelas exclusões sociais.

Em 1966, Josué de Castro retoma a construção de uma narrativa literária desse cenário de exclusões sociais existentes no Recife, com a criação da obra *Homens e Caranguejos* (1967) o único romance publicado pelo autor. Nesse texto literário, Castro constrói um enredo nas zonas dos mocambos e no cotidiano das personagens em um dilema de sobrevivência nos manguezais, relevando o elemento da fome como o problema social de maior destaque em suas obras acadêmicas. Essa dinâmica social de contradições é parte da formação histórica do Recife e é interpretada por Josué de Castro em suas obras científicas e representada nas narrativas literárias criadas por ele. Desse modo, o romance *Homens e Caranguejos* é uma forma lúdica de interpretar as categorias de análise que Castro utiliza para explicar os problemas sociais do Recife observados no seu tempo e que se atualizam pelos questionamentos do presente.

Nesse período de criação de *Homens e Caranguejos*, Josué de Castro experienciava a fase do exílio, que lhe impuseram após o Golpe Militar de 1964. Esse é o único romance escrito por Castro, um texto literário que materializa de forma lúdica as imagens da desigualdade histórica que ele denunciou em suas produções teóricas. *Homens e Caranguejos* é um objeto que possui relevante potencial para a construção de pensamentos emancipatórios. O sentido emancipatório desse texto literário está na forma de provocar a inquietação do leitor sobre os problemas sociais existentes no Recife, que ainda não foram solucionados.

À vista disso, este trabalho busca analisar as possibilidades de leituras contra-hegemônicas sobre a História Local do Recife a partir do diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura. Para tanto, essa investigação aponta algumas perspectivas da relação entre a forma de produção cultural dos textos literários de Josué de Castro e os aspectos históricos do Recife, no contexto do século XX, destacando a obra *Homens e Caranguejos*.

Aproximações entre a História e a Literatura

De acordo com os historiadores Júlio Pimentel Pinto e Maria Inez Turazzi (2021) o diálogo entre a História e a Literatura é uma possibilidade relevante para a produção historiográfica. Eles afirmam que cada disciplina possui um compromisso particular com suas narrativas, cabendo à primeira realizar uma reflexão em torno das experiências históricas vividas, enquanto a segunda indica caminhos que poderiam ser seguidos. Desse modo, o que possibilita a aproximação entre a produção ficcional e a narrativa histórica em um processo de investigação historiográfica é a verossimilhança das representações literárias com os acontecimentos históricos.

Na compreensão de Luiz Costa Lima (2015), a verossimilhança é uma definição empregada no romance, no sentido de indicar que esse gênero textual aparenta ser uma verdade, mas é uma ficção. O escritor do texto literário produz a obra artística em um determinado ambiente histórico-social e pertencendo a esse contexto, ele utiliza da imaginação criativa para pensar os anseios da sua geração, diante das questões sociais daquela realidade histórica.

De acordo com Nicolau Sevcenko (1999) o historiador investiga a forma como o escritor se relaciona com o contexto histórico em que ele estava inserido. Desse modo, o diálogo com a Literatura auxilia nas investigações sobre o passado histórico e amplia o horizonte de interpretações históricas na produção historiográfica. Os textos literários se apresentam como uma fonte que acompanha o processo de urbanização das cidades brasileiras até a contemporaneidade, principalmente o romance. A própria adoção do sistema capitalista na sociedade ocidental é um fato histórico, que marca a narrativa de vários textos literários, tendo a cidade como cenário para o desenvolvimento de um dos aspectos desse modelo econômico, a modernização das relações sociais.

De acordo com Denis Bernardes (1996), haverá no Recife o esforço de interpretação artística (romancistas, poetas, artistas plásticos) das ações modernizantes do início do século XX, um espaço de recepção de serviços e inovações tecnológicas capitalistas, que transformam os costumes da sociedade. Em *Homens e Caranguejos*, Castro cria representações da paisagem

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

urbana do Recife que possuem verossimilhança com os agentes históricos que ele analisou em suas obras científicas. Apesar do seu caráter ficcional, o texto literário é produzido dentro da realidade que inspira a sua criação.

Uma narrativa ficcional sobre as desigualdades sociais no Recife

Para compreender as tramas do romance se faz necessária algumas considerações de análise da narrativa visando mapear alguns elementos que constituem o texto literário. A autora Cândida Vilares Gancho desenvolveu um estudo introdutório sobre análise de narrativa no livro *Como analisar narrativas* (2006). No texto, a autora apresenta os elementos estruturais do gênero narrativo ficcional: o enredo; os personagens; o tempo; o espaço e o narrador. Para as pretensões desse trabalho, é relevante compreender a relação causal do enredo, que apresenta ao leitor as características de verossimilhança com a realidade exterior à ficção, através das causas que movimentam a narrativa e as suas consequências.

E o elemento estruturador do enredo é o conflito, composto pelos seguintes elementos: a exposição (apresentação dos principais fatos da história); complicação (o desenvolvimento do conflito); clímax (o ponto máximo do conflito); e o desfecho (a solução do conflito).

O texto literário *Homens e Caranguejos*, narra a história de personagens que residem na zona de mangues, uma vegetação típica das margens litorâneas dos rios, na cidade do Recife, tendo como residência os mocambos, um tipo de moradia que esses homens produziam a partir da matéria orgânica disponível nos manguezais e dos materiais que a sociedade recifense descartava para o lixo.

O Recife, a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos: das choças, dos casebres de barro batido e sopapo, cobertos de capim, de palha de coqueiro e de folhas-de-flandres. (Castro, 2003, p. 7)

Ao expor as condições de insalubridade enfrentadas por esses moradores, o narrador destaca o protagonista, a personagem João Paulo e a relação do mesmo com sua família. Uma criança pobre como os demais moradores de Aldeia Teimosa, uma localidade com poucos

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. *Revista Rural e Urbano*, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

recursos para alimentação e de condições limitadas para a sobrevivência.

O conflito principal desse enredo é estabelecido pela condição das desigualdades sociais no Recife, na primeira metade do século XX. As classes dominantes são dirigentes nas transformações modernas que a cidade do Recife absorve durante esse período. Esses grupos sociais adotam para si o direito de propriedade da produção do espaço urbano e consequentemente aspiram o controle sobre a paisagem, se opondo à permanência dos moradores dos mocambos no espaço da cidade.

A complicação, um aspecto secundário que explica o desenvolvimento do conflito é representado pelos questionamentos da personagem principal, João Paulo, sobre as condições de vida nos mocambos. O clímax do conflito se dá no descontentamento dos moradores com a falta de empatia do Estado, no contexto de destruição dos mocambos pelas cheias dos rios. E o desfecho dessa história é a ação de um levante armado, como alternativa para libertar-se daquela situação opressora vivenciada nos manguezais.

Além de exercer as atividades de pesca comuns ao seu local de vivência e se distrair com sua imaginação, o menino João Paulo se “alimenta” da insatisfação em viver naquelas condições e não só isso, mas também do incômodo com o sofrimento das pessoas que estão ao seu redor e procurando entender quais as possibilidades de caminhos, percorre para lutar em favor da transformação daquela realidade.

João Paulo sonha como seria bom ser um dia jardineiro de uma casa rica nesta cidade, cujo contorno de seus edifícios mais altos ele divisa ao longe, enquanto seca ao sol o seu rosto lavado. Como seria bom viver sentindo sempre o cheiro bom das plantas dos jardins e pisar de leve naqueles gramados verdes e macios em lugar de sentir o tempo todo o cheiro podre da maré e de andar sempre dentro da lama como se fosse caranguejo!

A voz do pai chamando de dentro de casa desperta-o do seu sonho. João Paulo dando pontapés violentos, espalhando água por todos os lados, entra no mocambo para comer. Senta-se à mesa e, com seus pais, começa a beber o caldo de caranguejos cozido com água e sal e a chupar os cascos e as patas dos caranguejos. Os dois irmãos menores continuam dormindo, encolhidos e enrolados numa colcha de retalhos, enquanto seus pais comem em silêncio. Com a boca cheia de carne branca de caranguejo, João Paulo pergunta:

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

- “Pai, por que a gente veio morar aqui no mangue?”

- “Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa terra da promessa, o nosso paraíso”, respondendo Zé Luís com uma voz tranquila.

- “Paraíso dos caranguejos”, acrescenta em tom de revolta a mãe de João Paulo.

Mas o menino volta à carga:

- “Mas, por que aqui no mangue, por que não fomos morar na cidade, do outro lado do mangue? Lá é tão bonito, tão diferente, é como se fosse um outro mundo.”

- “Foi o destino, João Paulo, que nos trouxe aqui,” responde-lhe o pai.

- “Lá, do outro lado é o paraíso dos ricos, aqui é o paraíso dos pobres,” diz-lhe a mãe fitando bem dentro dos olhos do filho. Mas os olhos do menino abrem-se apenas um pouco mais, e continuam com a mesma expressão de interrogação, mostrando que ele não entendera porque sua família, havendo tantos lugares bonitos no mundo, tinha escolhido para viver aquele lugar tão triste e tão feio. Porque tinha escolhido para morar a lama negra do mangue.

(Castro, 2003, p. 11).

O menino questiona a exclusão social que é imposta aos moradores dos mangues. Uma condição limitada das atividades do cotidiano e do espaço onde vive, sendo permitido apenas enxergar a vida nos manguezais. A narrativa do romance se desenvolve na zona dos mocambos, o leitor acompanha o cotidiano de João Paulo observando a distância entre o lugar que ele ocupa na cidade e os elementos modernos do espaço urbano.

Uma interpretação histórica do texto literário *Homens e Caranguejos*

Sendo assim, para perceber a relação entre a criação literária de Josué de Castro e a realidade histórica vivenciada pelo autor, se faz necessário recorrer aos pressupostos teóricos de Raymond Williams, no que se refere ao estudo da produção cultural, buscando assimilar como as obras artísticas ou intelectuais são parte intrínseca das sociedades.

O crítico literário Raymond Williams é reconhecido no mundo acadêmico por ter

desenvolvido a teoria do materialismo cultural com base no materialismo histórico de Karl Marx. Esse intelectual inglês faz parte de uma geração de marxistas da Europa Ocidental, que se propõem a estudar a cultura para conhecer o mundo e modificá-lo, em um período de descrença com as ideais de mudanças através do socialismo no século XX. Isso significou para esses intelectuais a realização de uma revisão teórica das estruturas políticas e econômicas de Marx e o desenvolvimento de novos estudos a partir de temas como cultura, filosofia e arte.

De acordo com Williams, o materialismo cultural ajuda o pesquisador a refletir sobre a produção e reprodução de significados e valores que formam as pessoas da sociedade. Desse modo, o autor dá ênfase à produção cultural, que se efetiva na prática através das instituições, nas relações sociais e nas convenções formais. Para o autor essa produção cultural se manifesta através de formas que moldam a sociedade, seja uma escultura, um livro, um filme ou outras obras. Sendo assim, a proposta de Williams é analisar a forma de produção buscando compreender a inter-relação entre a obra e a sociedade.

Para Williams, a relevância de entender a sociedade por meio da cultura se explica pela existência de uma forma de produção hegemônica do pensamento, que atende aos interesses específicos de um grupo social. Então, o compromisso político dessa teoria está em perceber criticamente a hegemonia de produção cultural, que ocorre em uma sociedade capitalista avançada para combatê-la. Um exemplo, é o livro *O campo e a cidade*. Nesse texto, Williams investiga a inter-relação entre obras da Literatura e a sociedade inglesa, através do procedimentos metodológico que o autor denominou de “escada rolante” para se deslocar na História.

Mais uma vez, porém, o que parecia ser uma única escada rolante, um perpétuo recuo em direção ao passado, revela-se, após um pouco de reflexão, um movimento mais complicado: a Velha Inglaterra, a estabilidade, as virtudes campestres – na verdade, todas essas coisas têm significados diferentes em épocas diferentes, colocando em questão valores bem diversos. Teremos de realizar uma análise precisa de cada tipo de retrospecção à medida que forem surgindo. [...]

As testemunhas que citamos levantam questões de perspectiva e fatos históricos, porém, também levantam questões de perspectiva e fatos literários.

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

As coisas que elas dizem não são todas ditas em uma mesma modalidade de discurso. Enquanto fatos, variam de falas de peças teatrais e trechos de romances a argumentações de ensaios e anotações de diários. Quando os fatos em questão são poemas, são também – o que talvez seja de importância crucial – poemas de tipos diferentes. Só poderemos analisar essas importantes estruturas de sentimentos se fizermos tais discriminações críticas desde o início. (Williams, 1989, p. 25)

Para categorizar as impressões que ele foi desvendado por meio dessa “escada rolante” em suas pesquisas, Williams (1989) formulou o conceito de “estrutura de sentimentos” para conseguir agrupar as diferentes ideias que aparecem em cada momento histórico específico. Para o autor, a sociedade e a cultura produzida no espaço social são formuladas em um presente específico, formada por sujeitos daquele momento particular, atribuindo significados ao que está sendo vivenciado. Para Williams, a “estrutura de sentimento caracteriza o sentimento de uma época e de uma cultura histórica, que se compõe em permanente mudança, mas mantém determinados atributos, [...] significados e valores tal como são vividos e sentidos” (Williams, 1979, p. 134). A partir dessa análise é possível identificar na produção cultural e intelectual as expressões dominantes, residuais e emergentes de um determinado momento histórico.

Ao refletir sobre a aplicação da estrutura de sentimentos, o autor menciona a eficácia desse método para analisar as formas de produção cultural de outras realidades sócio históricas, citando o caso das colônias inglesas e como elas fazem parte dessas transformações que o capitalismo inglês e internacional opera através do Imperialismo e chega em outros locais como na América Latina.

Os velhos problemas típicos da cidade que se expande caoticamente vão se repetindo, em todo o mundo, em muitos dos países mais pobres. Quem fala na crise da cidade pensando em Londres, Nova York ou Los Angeles deveria pensar também nas crises ainda mais sérias que afetam Calcutá, Manilha ou dezenas de outras cidades da Ásia, da África e da América Latina. Uma população rural deslocada vai sendo atraída pelos centros de uma economia financeira dirigida por interesses muito diferentes dos da população. A última imagem da cidade, no mundo ex-colonial e neocolonial, é a da capital política ou porto comercial, cercada de favelas, que em muitos casos crescem com uma velocidade extraordinária. No momento em que escrevo, no Peru, uma pequena extensão de deserto transformou-se, em duas semanas, numa

“cidade” com 30 mil habitantes; e isto é apenas um exemplo da longa interação entre comunidades rurais alteradas e destruídas e um processo de agricultura e industrialização capitalista, por vezes comandado internamente, na maioria das vezes externamente. (Williams, 1989, p. 384)

Essas características de “capital política” e “porto comercial” apontadas por Williams (1989), se concretizam na produção do espaço urbano de Recife, em seu processo de urbanização. De acordo com Denis Bernardes, essa cidade adquiriu historicamente um significado de “núcleo urbano constituído pelo porto, sua infra-estrutura e os seus serviços ali estabelecidos” (Bernardes, 1996, p. 47). Construindo um aparelhamento atrativo para os núcleos rurais, que buscam oportunidades dentro das relações capitalistas que alteram algumas funções da ordem anterior.

Dentre essas condições particulares, que formulam o desenvolvimento urbano das cidades e os desdobramentos históricos dessas experiências nas periferias do sistema capitalista, Williams confere a estrutura de sentimentos um método possível para analisar cada especificidade cultural e como intelectuais e artistas de diferentes locais interpretam a sua realidade histórica, ou seja, a estrutura de sentimentos proporciona ferramentas para olhar a dinâmica dos grupos sociais dominantes, residuais e emergentes situados em um determinado momento histórico.

A socióloga Eliane Veras Soares (2011) levanta a hipótese sobre a formação de uma estrutura de sentimento africanizante entre a produção literária do Brasil e dos países africanos. Soares apresenta a formação de uma estrutura de sentimentos particulares na fase de produção de uma identidade nacional para o Brasil, entre os séculos XIX e XX. Segundo a autora, a partir da década de 1930 com essa “mestiçagem harmoniosa”, se produziu uma incorporação exótica e preconceituosa da cultura africana para a formação da nação brasileira, valorizando as danças, comidas e a sensualidade, reservando aspectos culturais ao negro, na identidade do país. Ocupando o lugar de objeto simbólico no mito da democracia racial e permanecendo excluído da participação política na sociedade.

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

O estudo desenvolvido por Eliane Soares sobre estrutura de sentimento africanizantes, enfatiza a produção cultural de Gilberto Freyre no processo de estrutura de sentimentos “harmoniosos de miscigenação”. Esse elemento dominante de um sentimento racial caracteriza a perspectiva histórica hegemônica, que interpreta a Formação Social do Recife.

De acordo com a autora, esses fatos históricos que formam esse sentimento harmonioso do século passado, são questionados na década de 1980 a partir da formação de uma estrutura de sentimento africanizante. No período de democratização do país houve por parte do movimento negro, a demarcação de uma luta de reparação histórica e de noções afirmativas para combater as ações discriminatórias e desiguais do racismo no Brasil. A autora destaca a relação de sentimentos desse movimento brasileiro com o processo histórico de lutas por libertação dos povos africanos na década de 1950 e a produção literária africana que chega ao Brasil.

É nesse contexto que vem se desenvolvendo, na sociedade brasileira, uma estrutura de sentimento africanizante. [...] Nesse processo, a África e a herança africana no Brasil tornaram-se, a partir de 2003, conteúdos obrigatórios do currículo escolar em todos os. Refletir sobre desigualdade, identidade e cultura no Brasil contemporâneo requer, nessa nova perspectiva política, proceder a um retorno à África, ou melhor dizendo, promover um (re)encontro com o continente africano. [...] Isso tem colocado em evidência o desafio de tentar superar as versões colonizadas da história e ir ao encontro de outras narrativas. Nesse contexto, a literatura parece ser o caminho mais imediato em que estruturas de sentimentos diversas se entrecruzam em diferentes registros históricos, culturais e afetivos. A literatura africana contemporânea abre possibilidades para a elaboração de um novo olhar sobre a diversidade africana em resposta às narrativas oficiais. (Soares, 2011, p. 104).

Essa nova perspectiva de uma visão acerca da relação dos afrodescendentes na sociedade brasileira abre espaço para pensar em outras perspectivas emergentes na dinamicidade temporal das relações sociais, que estruturaram a imagem social dominante da democracia racial.

De acordo com o contexto histórico do século XX, no Recife, ocorreram fatos políticos, econômicos, sociais e culturais que ajudaram a compreender a dinamicidade das relações

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

sociais daquela época. Desse modo, as formas de produção cultural da cidade produzem e reproduzem as ideias que estavam sendo desenvolvidas sobre um cenário de mudanças impactantes na paisagem urbana do local. Então, a estrutura de sentimentos possibilita analisar uma forma emergente que aponta outros elementos históricos em torno do espaço social analisado por Gilberto Freyre, especificamente sobre a formação dos mocambos na paisagem urbana do Recife.

Em 1950, Paulo Freire analisou inicialmente a realidade das populações que eram oprimidas pelas classes dominantes do Recife. No entanto, o autor ampliou o seu horizonte de percepções e percorreu outros locais no Estado de Pernambuco e na região Nordeste. A partir dessa análise, ele desenvolve o método de educação popular, um procedimento educacional contra-hegemônico, que buscou atuar na transformação da realidade de opressões existentes naquela época. Esse trabalho foi iniciado em Recife e propagado por outras localidades, como o caso de Angicos, no sertão do Rio Grande do Norte.

As ideias aparentemente individuais formuladas pelo educador Paulo Freire sobre a emancipação humana dos sujeitos em situações de opressão, se conectam ao compromisso emancipador do intelectual Josué de Castro ao denunciar e apontar alternativas para o problema da fome sofrida por esses oprimidos. Desse modo, os dois intelectuais enxergaram as desigualdades sociais existentes no Recife e na análise dos fatos, cada autor elaborou uma proposta para a transformação dessa realidade, que por sua vez, possuem o mesmo compromisso ético com a liberdade humana dos sujeitos que sobreviviam nos manguezais da cidade. Sendo assim, o conceito de emancipação humana elaborado por Marx (2010) é propício para categorizar a natureza emergente da formulação de ideias de Castro e Freire, se configurando em uma estrutura de sentimentos emancipatórios.

Alinhado à essa perspectiva emancipatória é relevante o entendimento sobre a ação contra-hegemônica desse sentimento emergente. O filósofo Antonio Gramsci (2007) desenvolve a partir do pensamento marxista o conceito de hegemonia cultural, um conjunto de funções que exercem o domínio político, econômico, social e cultural do grupo dirigente sob

os grupos dirigidos, legitimado pelo poder do Estado na organização da sociedade de classes.

A afirmação de que o Estado se identifica com os indivíduos (com os indivíduos de um grupo social), como elemento de cultura ativa (isto é, como movimento para criar uma nova civilização, um novo tipo de homem e de cidadão), deve servir para determinar a vontade de construir, no invólucro da sociedade política, uma complexa e bem articulada sociedade civil, em que o indivíduo particular se governe por si sem que, por isto, este seu autogoverno entre em conflito com a sociedade política, tornando-se, ao contrário, sua normal continuação, seu complemento orgânico. (Gramsci, 2007, p. 279).

A partir da perspectiva marxista, Gramsci entende que a determinação econômica não é suficiente para aprofundar as ideias teóricas de transformação da realidade histórica, sendo necessário entender a cultura, se aproximar do homem das massas e desenvolver com ele a consciência histórica. Nesse sentido, a análise da hegemonia cultural se caracteriza pela compreensão da organicidade dominante e o modo de superá-la pela construção política da contra-cultura.

Dessa forma, Paulo Freire e Josué de Castro tiveram a capacidade de compreender a História em seu movimento contínuo e as contradições desse processo de mudanças contínuas. Em ambos os casos, os autores analisaram criticamente a sociedade do Recife e a relação dialética desse espaço com o contexto histórico mais amplo.

Para continuar a falar sobre essas aproximações entre os dois intelectuais, se faz necessário contextualizar o debate político e econômico do Brasil na primeira metade do século XX. No período, diante do entusiasmo que as classes dominantes tiveram com as políticas de industrialização do Brasil e a urbanização das principais cidades do país, inauguraram um espírito ufanista² no Estado brasileiro através de várias comemorações oficiais, que

² De acordo com o geógrafo Gilvan Cerqueira de Araújo (2013), esse termo se configura em um ufanismo edênico, que é utilizado como um recurso retórico no processo de formação da identidade nacional brasileira. A expressão adquiriu notoriedade no Brasil através do livro *Porque me Ufano do Meu País* (1900), escrito pelo conde Afonso Celso. O termo ufano é de origem espanhola e significa vanglória a fatos e feitos de uma nação.

mascaravam os problemas sociais mais urgentes da população. A partir do governo Vargas, na década de 1930, essa foi uma prática comum aos governos que lhe sucederam durante as décadas de 1940 e 1950. Por outro lado, Josué de Castro e Paulo Freire³ são intelectuais que ultrapassam essas propagandas e enxergaram as condições de sobrevivência das populações dos mocambos no Recife e de outras realidades do país, que enfrentavam as dificuldades da desigualdade social. O Recife é a base inicial desses intelectuais que ampliam de forma dialética os horizontes de investigação analisando a complexidade da estrutura capitalista.

O processo contínuo de um sentimento emancipatório

No livro *Josué de Castro e o Brasil* (2003), Djalma Agripino de Melo Filho escreveu um dos capítulos intitulado *Uma hermenêutica do ciclo do caranguejo*. No texto, Filho toma emprestado da filósofa, Agnes Heller, os conceitos de homem particular e indivíduo para analisar o romance *Homens e Caranguejos* (1966). De acordo com essa teoria, o homem particular caracteriza o sujeito social que está limitado às condições de sobrevivência no seu cotidiano. Já o indivíduo, pelo contrário, desenvolve as habilidades sociais que lhe permitem a inserção de forma genérica nas relações sociais. Em outras palavras, o homem particular é impedido de desenvolver as habilidades humanas do trabalho abstrato para alcançar a sua acepção genérica no espaço social. Em suma, o homem particular representa a condição de sujeito excluído pelas desigualdades sociais, caracterizado pela metáfora “homem-caranguejo”.

Melo Filho entende que na década de 1990 houve dentro da produção cultural da cidade um processo de transformação da metáfora “homem-caranguejo” e o anúncio de outras formas de escapar da condição de homem particular dos mangues. Em 1992, Tarsiana Portella, Daniel Aamot e Zelito Passavante publicam o livro *Homem-gabiru: catalogação de uma espécie*. Nesse livro, os homens-caranguejos são expulsos dos mangues do Recife e se deslocam para ocupar as áreas de morros da cidade. Dessa forma, outro ser metafórico é criado em meio às desigualdades sociais, o “homem-gabiru”. No prefácio desse texto intitulado *Homem-gabiru*:

³ Após o Golpe Militar de 1964, Josué de Castro e Paulo Freire foram exilados e passaram a desenvolver seus trabalhos em outros países com a mesma natureza emancipatória.

a ausência de alternativas?, o geógrafo Manuel Correia de Andrade apresenta as características dessa nova “espécie” no espaço social da cidade.

O homem-caranguejo fora substituído pelo homem-gabiru, ... porque, saindo do mangue, ele foi viver em tocas, em morros, em casebres e em velhos sobrados abandonados, fugindo ao convívio dos seus semelhantes, enxotado e detestado por ele, vendo-se privado do seu principal alimento. O olhar que observa é de ódio e de medo, mas o medo é recíproco, o pobre, o miserável, passou a se tornar agressivo, porque sai de seu esconderijo para procurar o alimento nas ruas, nos depósitos de lixo ou para roubá-lo dos transeuntes menos prevenidos; tornou-se um rebotalho social, perdeu a cidadania, o respeito próprio e se animalizou, sem que o poder público tivesse o menor interesse por ele. Daí o homem-gabiru que come restos quando come esconder-se dos outros homens e não ter alternativa no meio em que vive (Andrade, 1992, p. 11, apud Melo Filho, 2003, p. 515).

Com isso, é lançado um novo olhar sobre os processos de transformação do espaço urbano do Recife, apresentando as inquietações particulares daquele contexto histórico onde as desigualdades sociais não se alteram, mas se revelam de outras formas. Na análise que Melo Filho realiza sobre essa catalogação da década de 1990, o homem-caranguejo passa por uma transmutação para o homem-gabiru havendo uma hipérbole da metáfora original do romance *Homens e Caranguejos* e “ambas as espécies constituam sendo exemplos de homens particulares, vinculados à reprodução da vida cotidiana” (Melo Filho, 2003, p. 517).

Nesse cenário de formulação do “homem-gabiru” despontam alguns grupos musicais, que descrevem em suas composições as desigualdades sociais do Recife, um período efervescente na produção cultural da cidade tendo como destaque a cena musical mangue. Então, o mangue é revisitado por esse olhar artístico dos músicos Chico Science e Fred Zero Quatro, o autor do texto *Caranguejos com Cérebro*, que foi publicado em 1992 no Jornal do Commercio de Recife como um *release* para divulgar o trabalho realizado por Science na banda Chico Science e Nação Zumbi, e por Zero Quatro na banda Mundo Livre S/A. No entanto, o texto repercutiu na imprensa local como um manifesto adquirindo o título de *Manifesto Mangue – Caranguejos com Cérebro*. O texto é dividido em três partes: Mangue - o conceito; Manguetown – a cidade e Mangue – a cena.

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Através desses tópicos, Zero Quatro apresenta as características físicas do sítio natural onde Recife foi estabelecida e destaca a diversidade da flora e da fauna que compõem o mangue. Em contrapartida, o músico aponta os problemas históricos da produção urbana da cidade nesse espaço: o aterramento dos mangues, o aumento das desigualdades sociais e um cenário caótico de abandono sofrido pelos moradores, que habitam as favelas e alagados da cidade. O texto denuncia a forma como foi construído no imaginário social uma ideia de mangue como local sujo e desprezível.

O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como Recife é matar os seus Rios e aterrar os seus Estuários. O que fazer então para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Há como devolver o ânimo/ deslobotomizar/ recarregar as baterias da cidade? Simples, basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. [...] Em meados de 91 começou a ser gerado/ articulado em vários pontos da cidade um organismo/ núcleo de pesquisa e produção de ideia pop. O objetivo é engendrar um “circuito energético” capaz de conectar alegoricamente as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama. (Zero Quatro, 1992, p. 2).

Zero Quatro apresenta a cena mangue como estímulo para revigorar a autoestima da população recifense através da alegórica “Manguetown”, a cidade mangue e criar novas relações com o espaço social do Recife. Djalma Filho afirma que as ideias que despontam a partir do *Caranguejo com Cérebro* proporcionam uma nova imagem à alegoria do “homem-caranguejo” criado por Josué de Castro e havendo uma re-humanização desse ser particular indicando a esse a conexão com as vibrações universais através das antenas enfiadas na lama dos manguezais. Na música *Cidade Estuário*, Fred Zero Quatro descreve a relação umbilical do mangue com o Recife e a ativação desse relacionamento para restaurar o ânimo da cidade.

Existe no meio acadêmico uma variedade de trabalhos que discutem a relação de influência do romance *Homens e Caranguejos* na produção da Cena Mangue. Os aspectos categóricos no trabalho realizado por Zero Quatro, no disco *Samba Esquema Noise* (1994) e por Chico Science, nos discos *Da Lama ao Caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996) dialogam com aspectos alegóricos que Josué de Castro utiliza no prefácio do romance *Homens e Caranguejos*

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

para explicar a formação geológica dos manguezais e da relação de dependência que os mocambeiros estabelecem com os mangues.

No diálogo entre as músicas interpretadas por Chico Science nos discos de *Nação Zumbi* e o prefácio de *Homens e Caranguejos* é apresentado um itinerário pelas contradições da paisagem urbana do Recife nas letras de *Rios, pontes e overdrives* e *Manguetown*, onde se destacam os homens em “esculturas de lama” enfiados na lama catando caranguejos. A música *O Cidadão do Mundo* faz referência ao momento que Science descobre o mangue escrito por Josué de Castro. A ONU elegeu Castro como cidadão do mundo e Science lhe exaltou com *Caranguejo com Cérebro*. Em *Da Lama Ao Caos* aparece a transmutação do “homem caranguejo” para o “homem gabiru”, enfatizando a leitura alegórica da década de 1990. As músicas *Antene-se* e *A Cidade* são a síntese da proposta do *Caranguejo com Cérebro* de construir uma relação produtiva com a “Manguetown” através da cena cultural mangue.

Os manguemoys e manguemoys são indivíduos interessados em: Teoria do Caos, World Music, Legislação sobre meios de comunicação, Conflitos Étnicos, Hip Hop, Acaso, Bezerra da Silva, Realidade Virtual, Sexo, Design, Violência e todos os avanços da Química aplicada no terreno da alteração / expansão da consciência. (Zero Quatro, 1992, p. 2).

Através da cena mangue, Chico Science retrata o seu convívio com as periferias do Recife, sendo um sujeito desse lugar, ele presenciou as diversas formas de expressão das desigualdades sociais (o desemprego, as precárias ou nenhuma condição de moradia, a fome, a violência policial sofrida pelos habitantes mais pobres da cidade entre outras). Então, Science juntamente com os demais integrantes dessa cena cultural dos anos 1990 ficaram reconhecidos como Movimento Manguemoys, que envolvia além da música, outras manifestações artísticas, apresentando ao seu público um entendimento sobre os problemas da realidade social da cidade e que trazem os aspectos alegóricos do romance *Homens e Caranguejos*.

Dessa forma, tanto o Manguemoys quanto o livro *Homem-gabiru: catalogação de uma espécie* expressam uma ideia emergente sobre as questões sociais de Recife na década de 1990, propondo uma mudança de pensamento sobre a cidade. Então, pela perspectiva da estrutura de

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

sentimentos as ideias de Chico Science, Fred Zero Quatro, Tarsiana Portella, Daniel Aamot, Zelito Passavante e outros sujeitos que produziram formas culturais sobre o Recife, denunciando os seus problemas sociais e a concentração de riquezas dos grupos dominantes da cidade, que se expressam através da especulação imobiliária, produzindo o espaço urbano a partir da sua verticalidade dos seus edifícios. A estrutura de sentimentos possibilita uma interpretação do inevitável confronto de mudanças sociais que vai sendo estabelecido em cada momento histórico. De acordo com Paul Filmer (2009), esse processo metodológico é abrangente e se aplica às diversas formas de produção cultural.

Assim, é especialmente interessante anotar que Williams criou o conceito de estruturas de sentimento, em sua obra, primeiramente para o filme. Seu uso na análise da escrita e da literatura é crucial para o desenvolvimento de métodos paralelos de análise de textos em outros formatos. É o ponto central do que ele chamou de materialismo cultural – “[...] a análise de todas as formas de significado, onde a escrita é o centro, dentro das condições e dos meios de sua produção.” [Williams, 1984, p.210]. (Filmer, 2009, p. 391).

As ideias emergentes da década de 1990 expressam de forma particular as imagens dos problemas de Recife que se assemelham às representações da cidade realizadas por *Homens e Caranguejos*. Predomina a emergência da imagem das desigualdades e a localização dos excluídos sociais nos mangues, nos alagados, nos mocambos, nas palafitas, nos morros, nas favelas, nos becos, nas vielas e nas ruas. Por outro lado, o elemento dominante ainda prepondera na apresentação moderna das grandes construções imobiliárias, que produziram um espaço de valor de troca com o aterramento dos antigos mangues ocupados por mocambos.

As formas de natureza emergente e dominante desse contexto do final do século XX adentra ao XXI com outras formas de produção cultural, tendo o cinema como uma continuidade dessa estrutura de sentimentos. Dentre os trabalhos cinematográficos que se destacam, alguns longas-metragens, como: *Amigos de Risco* (2007), do diretor Daniel Bandeira; *Avenida Brasília Formosa* (2010); *Febre do Rato* (2011) e *Amarelo Manga* (2003), do diretor Cláudio Assis; *Amor, Plástico e Barulho* (2013), da diretora Renata Pinheiro (2013); *O Som ao Redor e Aquarius* (2016), do diretor Kléber Mendonça Filho. Na esteira dessas produções aparece o curta-metragem *Homens e Caranguejos* (2017), do diretor Paulo de

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Andrade.

Conclusão

O Recife teve no século XX um crescimento demográfico desproporcional a oferta de emprego, no qual se modernizou e não absorveu o contingente de pessoas que se tornaram livres da escravidão na cidade e no campo. As personagens do romance são representações da descendência desses homens “livres” que a República excluiu da participação política do país, mantendo as estruturas sociais do antigo regime e a prevalência dos preconceitos de raça, gênero e de classe, que solidificam em sua totalidade as desigualdades sociais existentes no Brasil. Em *Homens e Caranguejos*, essas personagens são excluídas do processo de urbanização da cidade e ocupam os mangues com a construção dos mocambos, apresentando o contraste da paisagem urbana na primeira metade do século XX. Com a desocupação dos manguezais por meio de políticas de combate aos mocambos, vai haver uma ocupação das áreas de morros, e assim, a formação de uma nova paisagem de contradições a partir da segunda metade do século XX, que se configuram como a atual imagem do Recife, as favelas.

Entende-se assim, que o contexto de dificuldades enfrentadas pelas personagens de *Homens e Caranguejos* não é o mesmo, porém, a produção do espaço urbano é um processo contínuo de segregação e reprodução das desigualdades sociais. No romance, a destruição dos mocambos é uma representação verossímil da atuação do Estado no combate a essas moradias, durante a primeira metade do século XX, atendendo ao interesse dos grupos dominantes, que aterraram os mangues e produziram terrenos valiosos para a especulação imobiliária. Nesse cenário, o mangue reúne em si os homens que sobrevivem a partir da sua existência e a percepção de outros que pretendem obter lucros com a sua destruição. Essa relação antagônica dos homens com a natureza é outra experiência que se renova com o tempo na História do Recife, mas por um lado, a produção do espaço urbano da cidade permanece impactando na sobrevivência dos mangues.

Um dos exemplos nítidos de interferência direta a esse ecossistema foi a construção da Via Mangue, considerada a maior obra viária da cidade, que interferiu diretamente na área de

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. Revista Rural e Urbano, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

preservação do Parque dos Manguezais, localizado na zona sul do Recife. Nessa área existe a comunidade Ilha de Deus, formada por pescadoras e pescadores, que retiram dessa atividade os recursos de subsistência. De acordo com Albuquerque e Gomes (2017, p. 48), a obra viária evidenciou “um novo direcionamento de produção do espaço na cidade do Recife, como ações e políticas públicas e construção de empreendimentos de grande porte em áreas tradicionalmente desvalorizadas”. Mesmo sendo um contexto diferente do século XX, a sobrevivência dos manguezais e dos homens que dependem diretamente da sua existência, continua a ser ameaçada pelos setores financeiros da construção civil.

Dessa forma, *Homens e Caranguejos* é uma alternativa lúdica para refletir sobre as situações de opressão que ocorreram em um momento histórico e na forma como podem ser enxergadas na atualidade, seja pela perspectiva das desigualdades sociais ou por outras abordagens. Isso permite a construção de um diálogo desse texto literário com a realidade e apresentar situações que são suprimidas por outras interpretações históricas, viabilizando as possibilidades de leituras contra-hegemônicas sobre a História Local do Recife.

Referências

- ALBUQUERQUE, M. Z. A.; Gomes, E.T. De A. O jogo do poder na produção do espaço do Recife. **Revista Rural & Urbano**, v. 2, n. 1, p. 39-56, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/article/view/241039>>. Acesso em: 30 set. 2020.
- ARAÚJO, G. C. C. **Do ufanismo edênico ao saudosismo heroico: ideologia e discurso geográfico no ideário nacional brasileiro**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia. Brasília, 2013.
- BERNARDES, D. **O caranguejo e o viaduto**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
- CASTRO, A. M. Josué de Castro: o semeador de ideias. In: Fernandes, B. M.; Gonçalves, C. W. **Josué de Castro: vida e obra**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 27 – 63.
- CASTRO, J. **Documentário do Nordeste**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.
- CASTRO, J. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 6. ed. Rio de Janeiro:
- SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. *Revista Rural e Urbano*, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.

Civilização Brasileira, 2006.

CASTRO, J. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

CASTRO, J. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FILHO, D. A. De M. Uma hermenêutica do ciclo do caranguejo. In: Andrade, M. C. [et al.]. **Josué de Castro e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 61-72.

FILMER, P. Tradução OLIVI, L. C. R. A estrutura do sentimento e das formas sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. **Estudos de Sociologia**. Araraquara, v. 14, n. 27, p. 371-396, 2009.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Educação, Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1976>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**, volume 3. Tradução: C. N. C. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LIMA, L.C. **Os eixos da linguagem**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

QUATRO, F. Z. **Caranguejos com Cérebro**. Recife, 1992. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SEVCENKO, N. **A literatura como missão: tensões sociais e criação na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOARES, E. V. Literatura e estrutura de sentimentos: fluxos entre Brasil e África. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 2, p. 95-112, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5592/5084>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Pedro. Josué de Castro e o texto literário: uma análise sócio-histórica sobre o Recife. *Revista Rural e Urbano*, n.9, v.1, 2024, p. 122 – 143.